

## **CELEBRIDADES & SUAS TRANSAS: DO TRANSESPETÁCULO À CONFISSÃO DA SEXUALIDADE NO JORNALISMO**

Eder Luis Cordeiro de Santana<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir dos Estudos Queer e de autorxs ligadxs à análise dos processos de Comunicação Social no mundo contemporâneo, esse artigo apresenta como a cobertura de celebridades, feita por dois jornais de grande circulação, em Salvador, pode ser contextualizada às questões ligadas a gênero e sexualidade. A proposta é refletir a respeito da espetacularização da mídia e seus impactos em processos sociais que ampliam as perspectivas das sexualidades e gêneros dissidentes como lógicas que precisam ser vistas fora da normalidade. Para tornar a leitura fluída, os trechos retirados dos jornais estão em negrito e com recuo diferenciado em relação às citações acadêmicas.

**Palavras-chave:** sexualidade, gênero, jornalismo, celebridades.

Em meados do século XX, o sociólogo norte-americano Charles Wright Mills lança sua obra *A elite no poder*, na qual discorre a respeito das celebridades e seu papel de prestígio na sociedade. Até aquele momento, ser uma celebridade era sinônimo de estar localizado na elite institucional, na sociedade metropolitana ou entre os profissionais da diversão. Eram núcleos que se misturavam publicamente, “buscando uns nos outros apoio às suas pretensões de prestígio”. (MILLS, 1981, p. 87)

Com a proliferação das mídias de massa, a partir da década de 1950, o mundo das celebridades mudou com o jogo midiático focado em públicos ampliados, algo que alterou o processo até então fincado na hierarquia da origem e riqueza. O fomento a valores sociais ligados à competitividade e à valorização da imagem de sujeitos bem sucedidos pulverizou a chance do ser celebridade apenas os nascidos no topo da cadeia social. Foram abertas brechas para esse universo englobar pessoas que também se

---

<sup>1</sup>Jornalista de formação, é integrante do Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade (CUS) e mestrando no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Poscult/UFBA). Atua desde 2002 na área da Comunicação, seja na prática do Jornalismo em redações ou em assessoria de comunicação. É professor dos cursos de Comunicação da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). E-mail: eder.santana@gmail.com.

sentiam merecedoras de espaço midiático, mesmo sem um histórico de vida marcado pela abonaça garantida em núcleos familiares reconhecidos.

As celebridades são Os Nomes que não precisam de melhor explicação. O número de pessoas que as conhecem excede o número de pessoas que elas conhecem. Onde quer que estejam, as celebridades são reconhecidas e, o que é mais importante, reconhecidas com emoção e surpresa. Tudo o que fazem tem valor publicitário. Mais ou menos continuamente, dentro de certo período de tempo, são material para os meios de comunicação e diversão. E quando esse tempo acaba – e tem que acabar – e se a celebridade ainda vive – da melhor forma que puder – de vez em quando talvez ouça perguntarem: “Lembra dele?” É isso o que significa celebridade. (MILLS, 1981, p. 86 - 87)

O Jornalismo, como sempre andou de mãos dadas nessa dinâmica, tratou de colocar as questões de sexualidade e gênero como o espaço ideal para visibilizar as celebridades. Neste artigo, será analisado como foram veiculados conteúdos ligados à sexualidade e gênero no universo das celebridades. Autorxs ligadxs aos Estudos Queer são a espinha dorsal do trabalho, porém, em alguns momentos, são colocadxs em diálogo com produções ligadas ao universo do próprio Jornalismo.

O material analisado foi publicado entre setembro de 2014 e setembro de 2015 nos jornais Massa! e A TARDE<sup>2</sup>. Foram catalogados 87 conteúdos no jornal Massa! e 14 no A TARDE. A superioridade de conteúdo no jornal Massa! está atrelada ao próprio modelo de Jornalismo feito no periódico, com conteúdo centrado nas classes de menor poder aquisitivo e linguagem menos formal, proposta oposta ao do centenário A TARDE. No Massa!, o espetáculo midiático é constante em conteúdos que colocam a identidade de gênero como algo a ser transformado no excêntrico e merecedor de piadas pelo simples fato de fugir do padrão binário entre homossexual/heterossexual.

Sete categorias de análise puderam ser observadas na cobertura de celebridades e o universo LGBT. São elas: 1) Transespetáculo midiático, quando a identidade trans se torna o palco do espetáculo criado pela mídia; 2) O LGBT enquanto personagem de novela, pois é motivo de noticiabilidade o fato de um personagem não heterossexual ser inserido no enredo; 3) O policiamento do discurso, quando há personalidades

---

<sup>2</sup> Ambos pertencem ao Grupo A TARDE, que tem como principal produto o jornal A TARDE, fundado em outubro de 1912. A empresa possui ainda a rádio A TARDE FM, a Agência de Notícias ATARDE e o portal A TARDE On Line. Em 2010, lançou o jornal Massa!.

conhecidas que emitem posicionamentos homofóbicos e são noticiadas por isso; 4) A romantização do casamento, quando celebridades decidem oficializar suas relações homoafetivas; 5) A confissão da sexualidade, a partir da revelação ou desconfiança no âmbito da sexualidade; 6) Apoio dos famosos, quando pessoas de renome se manifestam contra o preconceito e defendem os LGBTs; 7) Busca dos heterossexuais como aliados, quando organizadores de eventos voltados ao público LGBT, a exemplo das paradas gays, convidam celebridades heterossexuais para apadrinhar eventos e projetar um discurso de apoio à causa.

Neste artigo não há pretensão de analisar todas as sete categorias citadas acima, algo impossível dentro da limitação de páginas. Será priorizado o desbravar de itens que foram mais reconhecidos na cobertura das celebridades, como o processo que ganhou a nomenclatura de transespetáculo midiático, focado em como as identidades trans ganham caráter mais de espetáculo em detrimento de posicionamentos relacionados a aspectos identitários.

Um exemplo do transespetáculo midiático foi percebido no acompanhamento feito pelo jornal Massa! em relação ao processo de transição de gênero de Thammy Miranda, filho da Gretchen. Ao longo do período analisado, foram 17 notas publicadas (sempre com fotos) em relação à sexualidade, o gênero ou a questões de trabalho do artista. Os conteúdos estão vinculados à editoria Massa! Famosos, página onde também são publicadas as colunas Gmaiúsculo e Quebradeira. A primeira é publicada às sextas-feiras, com foco em notícias ligadas ao público LGBT, enquanto a segunda é voltada ao universo do pagode, não sendo publicada apenas nas sextas-feiras.

Entre os conteúdos veiculados, seis ganharam chamadas na capa do jornal. O transespetáculo midiático de Thommy Miranda pôde ser percebido desde que o artista decidiu iniciar o processo transexualizador. A cada passo dado, uma nova notícia era publicada no jornal, como pode ser visto na série de exemplos a seguir:

**Thammy Myranda sempre disse que queria ganhar características masculinas para se adequar à sua identidade. Esta semana, ela disse à rádio FM O Dia, que iniciou tratamento hormonal e que vai tirar seios, útero e ovários. “Desde criança, segundo minha mãe, eu queria fazer xixi em pé. Mas fui criada para ser uma menininha que ia dar sequência a Gretchen. Agora, aos 32 anos, tomei a decisão de ser quem realmente**

quero ser”, afirmou. Apesar das mudanças, Thammy foi categórica: “Não vou ter um pênis, continuo com a minha vagina...”. (Juracy dos Anjos, Em busca de ser o que é, 14.11.14, jornal Massa!)

Cerca de um mês depois do conteúdo acima, Thammy volta a ser noticiado, desta vez com a seguinte chamada de capa: **“É muito peito! Thammy Gretchen tira os seios”**. O material é ilustrado com a foto dele ao lado da mãe, imagem acompanhada da seguinte legenda: **“Apoio: Gretchen disse que se a filha está feliz, ela também fica”**. O texto construído pelo jornal foi baseado em um portal de notícias especializado em celebridades.

Thammy Miranda passou por uma cirurgia no fim de semana para retirar os seios em um hospital de São Paulo. A informação foi confirmada pela mãe da atriz, Gretchen, que contou ainda que ela teve alta nesta quarta-feira. Thammy disse ao EGO que ainda estava ‘grogue’, de repouso, mas bem. Quem está cuidando da atriz é sua namorada, Andressa Ferreira. “É um momento bastante delicado e que as pessoas precisam respeitar. Logo ela vai poder mostrar o resultado”, disse ao portal. (Da redação, Tem de ter peito! Thammy faz cirurgia para retirada dos seios, 11.12.14, jornal Massa!)

O transespetáculo midiático em torno do artista continua com a construção de expectativa em torno da cirurgia. O jornal, ainda se referindo ao artista no feminino, centra seu discurso na cirurgia como algo fora da normalidade. Nenhuma menção é feita às questões da transexualidade, como a despatologização ou a pluralidade identitária do universo trans. É apenas a cirurgia em si, acompanhada, sempre que possível, pela criatividade do jornalista com o toque de humor no título, como na nota intitulada **“Xô, peitinhos! Tammy após a cirurgia”**, quando o próprio nome do artista é escrito de modo incompleto. Na legenda da foto, o reforço do espetáculo: **“Essa foi a primeira aparição dela depois da mudança no corpo. Mas Tammy promete tirar a camisa!”**.

Completamente recuperada de uma cirurgia para retirar os seios e da lipoaspiração a que se submeteu na mesma data, Thammy Miranda já voltou a sua rotina normal. Ela foi vista pela primeira vez, após os dois procedimentos, anteontem, num restaurante em Moema (SP). Na ocasião, a filha de Gretchen posou com um casal de fãs vestindo uma camisa Polo preta. E já dá pra notar a falta de volume na região do tórax. “O meu peito já era bem pequeno, e eu fiquei sem nada. É bem melhor assim”, disse Tammy, antes dos procedimentos. Mas a filha de Gretchen promoveu [sic] tirar a camisa ao público. Vamos aguardar! (Da redação, Xô peitinhos! Tammy após a cirurgia, 29.12.14, jornal Massa!)

A curiosidade do jornal avançou, em seguida, para a prática sexual. Quase dois meses depois da publicação anterior, Thammy é vista ao lado de sua namorada em um camarote durante o Carnaval. Na legenda da foto a revelação do sexo é colocada em

primeiro plano: **“Pura alegria: Filha da rainha do rebolado, Thammy diz que agora que está sem os seios tem feito a namorada mais feliz na cama”**. E o título, mais uma vez em tom de humor com as palavras, reforça a mudança física: **“De peito aberto. Thammy diz que o sexo ficou melhor sem os seios”**.

Thammy Miranda não faz questão alguma de esconder a sua vida pessoal. Ao lado da sua namorada, a modelo Andressa Ferreira, a filha de Gretchen comentou que se sente mais feliz após a realização de cirurgia para a retirada dos seios. “É uma sensação de alívio. Era uma coisa tão pequena, mas que me incomodava. Me sinto bem e mais segura e até o sexo melhorou, ficou melhor sem os peitos. Ainda não posso mostrar o novo peito, só daqui a um mês”, contou. Mas para quem está ansioso para conferir o resultado final da operação, Thammy diz que os curiosos vão ter que esperar mais um pouco. É que ela ainda tem que tomar alguns cuidados pós operatórios. “Não posso tomar sol, mas daqui um mês já dá para andar sem camisa”, explicou Thammy. (Da redação, De peito aberto. Thammy diz que o sexo ficou melhor sem os seios, 23.02.15, jornal Massa!)

A visibilidade de Thammy segue até o resultado da cirurgia ser, finalmente, exposto. Como parte do espetáculo criado ao seu redor, as fotos são divulgadas na mesma época em que é lançado um livro com a sua biografia. Na legenda, o espanto pelo fato de ele nunca ter tido experiência sexual com homens: **“Biografia: Em sua biografia, ‘Nadando contra corrente’, Thammy conta que nunca fez sexo com homens”**.

O jornal “Extra” divulgou a página da biografia de Thammy Miranda que traz a foto com o resultado da sua cirurgia de remoção de mamas, feita no final do ano passado. Apesar de o livro ter lançamento marcado apenas para setembro, o jornal carioca teve acesso as imagens. Thammy aparece com o peitoral à mostra, em registro clicado por Fernando Torquatto. “Hoje minha vida se resume ao meu peito. Só falam nisso, só se importam com isso. Eu saio e ficam tentando ver pela abertura da camisa”, reclamou. No livro, o ator conta histórias curiosas e polêmicas de sua vida. “Da redação, Pessoa de peito. Thammy mostra o resultado da cirurgia. 24.08.15, jornal Massa!)

Não é um demérito do Jornalismo atual a associação entre espetáculo e transexualidade. De acordo com Berenice Bento (2008), foi em 1984 que, pela primeira vez no Brasil, os veículos de comunicação de massa começaram a visibilizar a identidade trans. Assim como outras instituições sociais vigentes, o Jornalismo, desde aquela época, dava sinais de que não estava preparado para lidar com o assunto.

Em 1984, uma revista exibiu a manchete: “A mulher mais bonita do Brasil é um homem”. Pela primeira vez na história do país, a sociedade começou a se deparar com as confusões de gênero em escala midiática. Roberta Close trouxe para a cena nacional o olhar incrédulo de pessoas que a examinavam e buscavam naquele corpo exuberante sinais de masculinidade. Por muito tempo Roberta Close reivindicou sua identidade de gênero. Afirmava que era

uma mulher transexual e precisava mudar seu nome e sexo nos seus documentos. Sem muita pressa, a justiça lhe respondia: “Não, você nasceu homem e nada se pode fazer contra esse destino biológico”. Por muitos anos, Roberta teve que se submeter ao constrangimento de portar documentos que negavam sua existência social. (BENTO, 2008, p. 11-12)

O maior problema no transespetáculo midiático é sua incapacidade de expor e problematizar a transexualidade e sua existência em uma sociedade baseada na lógica homem-pênis e mulher-vagina. Para o leitor não inteirado dos debates acerca das questões de gênero, o transespetáculo corre o risco de se transformar na mera observação da anomalia, do esquisito. É o que alerta Bento (2008, p. 12) ao revelar que a “aproximação com a transexualidade é reveladora das convenções sociais sobre a masculinidade e a feminilidade”.

Pessoas que solicitam cirurgias de transgenitalização são expulsas de casa, não conseguem estudar, não conseguem emprego, são excluídas de todos os campos sociais, entram na justiça para solicitar a mudança de nome e do sexo, enfim, um conjunto de instituições sociais é posto em ação toda vez que alguém afirma: “não me reconheço nesse corpo, não me identifico com o gênero imposto, quero uma cirurgia corretiva do meu sexo, não suporto esses seios que me aprisionam ao destino materno”. (BENTO, 2008, p. 12 – 13)

E o mesmo vale para outras existências identitárias trans, como a travesti e transgêneros, além de performatividades dissidentes como das drag kings e drag queens, que embaralham a lógica binária do leitor. Portanto, ao Jornalismo deveria caber atenção redobrada ao lidar com a temática e aproveitar o universo das celebridades para desbravar uma temática que precisa ser contextualizada ao público. Marilena Chauí (2006, p. 14) assegura que o atual modelo espetacularizado da mídia tem feito com que o Jornalismo foque nas sensações, em detrimento de uma cobertura crítica que faça pensar. Ele faz sentir, mas é incapaz de levar à reflexão.

A autora pontua que a mídia e sua produção forjada no seio da indústria cultural tornaram-se ambientes de formação de simulacros. É como se não houvesse a transmissão da realidade, e sim, a construção de uma realidade baseada em narrativas feitas para agradar o público e criar simulacros midiaticizados. Ou seja, o noticiado torna-se uma nova realidade, a encenação do acontecimento que perde sua espontaneidade. “Os fatos cederam lugar a declarações de ‘personalidades autorizadas’, que não



transmitem informações, mas preferências, as quais se convertem imediatamente em propaganda”. (CHAUI, 2006, p.8)

A filósofa parte do pressuposto de que o espetáculo é o fato na sociedade da informação, porém, ao ser midiaticizado nesse modelo de imprensa preocupada com fatores que estão além do informar (lucro, audiência, interesses empresariais, etc...), o espetáculo é elevado ao posto de simulacro e desabrocha como uma encenação do acontecimento, ao invés de ser o retrato do espetáculo original.

Na prática, essa concisão teórica pode ser evidenciada na própria cobertura ligada ao Thammy Miranda. De um lado, existe o espetáculo: a realidade ligada ao processo de transição de um transexual famoso. Entretanto, do outro lado, o jornal constrói o simulacro da realidade, focando no espetáculo e sem interesse em contextos ampliados, como a subversão de padrões, a generificação do sujeito, dentre outros aspectos.

Esse é um processo que, ainda segundo Chauí (2006), implodiu parte da fronteira entre espaço público e espaço privado na sociedade. A vida da celebridade é transmitida como se o conteúdo dela fosse relevante à vida de quem consome o produto da mídia.

Trata-se do apelo à intimidade, à personalidade, à vida privada como suporte e garantia da ordem pública. Em outras palavras, os códigos da vida pública passam a ser determinados e definidos pelos códigos da vida privada. (CHAUI, 2006, p. 9)

Outros dois casos de transespetáculo chamam atenção pela exploração da imagem com pouca ou nenhuma contextualização. O primeiro envolve a visibilidade da transexualidade quando inserida na dinâmica de familiares de artistas, como é o caso do jornalista e apresentador Marcelo Tas.

**Segundo o âncora do CQC, da Band, a filha Luiza assumiu a bissexualidade aos 15 anos e virou o transexual Luc aos 22. “Talvez eu faça parte de uma primeira safra de pais que souberam acolher e tratar com mais naturalidade”, disse o apresentador em entrevista ao blog de Leo Dias. A filha mais nova do jornalista, Gabriela, 9 anos, foi mais longe: “A gente só tem que passar a chamar ela de ele. Só isso!”. (Marcelo Tas ‘aceita e acolhe’ filho transex, 30.11.14, jornal Massa!)**

Apesar do tom ameno e com tentativa de demonstrar aceitação da transexualidade, o que esse Jornalismo revela é o processo de abjeção de corpos. O

outro passa a ser visibilizado como estranho e longe da normalidade pelo simples fato de não aderir plenamente à padronização heteronormativa. É um outro que deve ser vigiado e aceito, afinal de contas, se for levado em consideração o olhar de Judith Butler (2014) em relação aos corpos, todos são passíveis de julgamento dentro da moralidade vigente no regime de corpos generificados.

Butler (2014) nos ensina que os corpos são discursivamente construídos, sendo esse discurso algo anterior ao próprio sujeito. Na prática, é válido o exemplo de que as expectativas em relação aos nossos corpos (e gêneros) são construídas antes mesmo do nosso nascimento. Desde o útero materno, quando é identificado o órgão genital da criança, produções discursivas operam no intuito de garantir a padronização do ser em duas opções: menino ou menina. Seu corpo, ainda feto, já é regulado para adequar-se à normalidade. Portanto, o filho de Marcelo Tass nasceu discursivamente preparado para ser menina, mas sua condição fez com que esse papel fosse deslocado do feminino ao masculino. Essa realidade, na lógica do Jornalismo, precisa ser noticiada diante da aprovação e compreensão do núcleo familiar/ heterossexual.

A marca de gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina?” é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece. (BUTLER, 2014, p. 162)

Tanto Thammy Miranda como Luc, filhos, respectivamente, de Gretchen e Marcelo Tas, conseguem subverter a lógica discursiva que antecede a formação do sujeito generificado. Ambos têm em comum o fato de serem visibilizados, inicialmente, por terem familiares famosos. É uma dupla interpelação, familiar e midiática, que recai sobre esses indivíduos. Como explica Sara Salih (2015, p.109), a interpelação descreve como “as posições de sujeito são conferidas e assumidas através do ato pelo qual a pessoa é chamada (no sentido de atrair a atenção)”.

Logo, a primeira interpelação que sofremos é da própria família, detentora dos direitos de nos chamar (interpelar) exaustivamente ao longo da vida dentro do padrão binário menino x menina. Em seguida, são as estruturas de poder (escola, igreja, órgãos públicos, etc) que começarão a interpelar a cada um de nós e, assim, passamos a nos



reconhecer na lógica que o outro nos dá. No caso das personagens citadas, ainda há a interpelação midiática.

Dentro dessa realidade, Thammy Miranda e Luc são subversivos quando promovem a desobediência à interpelação e evocam o direito de ser um novo eu, o novo sujeito a questionar o modelo discursivo previamente oferecido e não contemplado pela real identidade de gênero. São indivíduos que acreditam na possibilidade de “assumir o sexo de maneira a desestabilizar a hegemonia heterossexual. A ‘hegemonia’ refere-se às estruturas de poder no interior das quais os sujeitos são constituídos por meio da coerção ideológica e não da coerção física”. (SALIH, 2015, p. 112)

Outro potencial do transespetáculo midiático é o de criar o universo da celebridade com base em figuras que sequer são conhecidas do grande público, mas estão próximas do público-alvo do periódico. Na coluna Quebradeira, por exemplo, foram publicadas notas a respeito de duas dançarinas trans chamadas Kau Delícia e Sophia Karamello. Ambas estão envolvidas na típica dinâmica de ganhar visibilidade por apresentar o próprio trabalho ou se envolver em intrigas nos bastidores do pagode.

**As dançarinas trans Kau Delícia e Sophia Karamello receberam convite para voltar aos palcos, após quase seis meses fora de cena. Elas vão rebolar no estreante grupo Bonde do Papai, que será lançado em novembro. “Enquanto isso é ganhar forma pegando pesado na malhação e ensaios, porque ficamos muito tempo paradas”, informou Kau. (Adan Nascimento, Elas estão de volta, 28.09.15, jornal Massa!)**

Dois meses antes, uma delas estava em outra nota na mesma coluna, sendo noticiada uma suposta rixa com uma terceira dançarina trans que, possivelmente, deve ser também reconhecida entre as bandas de pagode da atualidade. O título da nota é: **“Elas não se bicam”**.

**Musas trans Kau Delícia e Bombom Bandida até dançaram juntas com MC Armany, mas a amizade sempre foi de fachada. “Na frente é risadinha. Por trás, uma detona a outra”, contou uma amiga. (Adan Nascimento, Elas não se bicam, 16.07.15, jornal Massa!)**

Percebe-se, então, que o próprio conceito de celebridade avança a partir do espetáculo da mídia. Ingressamos na era das subcelebridades, que não necessariamente estão no âmbito do reconhecimento pelo trabalho que desenvolvem, mas sim, por conta de espaço ofertado dentro da dinâmica da mídia. E, com isso, o transespetáculo

mediático se torna um canal de acesso à visibilidade utilizada pelxs transexuais que almejam espaço nos meios de comunicação.

Segundo Luis Mauro Sá Martino (2010, p.190), é possível problematizar o universo das celebridades com as questões identitárias. O autor pontua que o aumento “no número de celebridades diminui o tempo de vida útil de cada uma delas. Se é cada vez mais fácil colocar a própria identidade na mídia, é cada vez mais difícil mantê-la”. Esse fenômeno deve-se ao fato de, na sociedade contemporânea/midiatizada, novas formas de visibilidade se tornaram ferramentas cotidianas da sociabilidade. É o caso das redes sociais e celulares com potencial de visibilizar a partir de fotos e vídeos projetados, em curto espaço de tempo, entre o acontecimento e a midiática do fato.

Isso ampliou o leque de possibilidades no universo da celebridade e da subcelebridade. Essa relação amplia a participação das identidades dentro de uma lógica que, segundo o pesquisador, traz a valorização e não valorização dos sujeitos. Assim, a visibilidade é baseada na negociação dessa identidade com um mercado de consumo. Afinal, percebe-se que “se até um passado recente, era necessário algum feito para ser uma celebridade, hoje não é necessário fazer absolutamente nada para chegar à mídia, basta ser – e nada além de si mesmo”. (MARTINO, 2010)

O problema não abordado pelxs autorxs ao conceituar celebridades é que a tentativa de entreter o leitor com aspectos da sexualidade da celebridade está ligada ao reforço do espaço de subalternização criado em torno das questões de gênero e sexo. É o caso das matérias que envolvem a revelação ou dúvida em relação à sexualidade, como pode ser visto no exemplo abaixo.

**O pagodeiro Márcio Victor revelou em entrevista na TV que já beijou homem, inclusive famoso. O líder do Psirico contou isso durante participação no quadro ‘Elas querem saber’ do programa “Raul Gil”, que vai ao ar amanhã. “Eu já beijei um homem. Já dei um selinho em Caetano”, revelou. Questionado se já fez sexo em cima do trio elétrico, ele disparou: “Rola no trio, no elevador, no carro”. O cantor também conversou sobre os convites que já recebeu para posar nu. “Já pensei em fazer, mas tenho um público infantil muito grande”, afirmou. Assista! (Márcio Victor revela na TV que beijou homem famoso, 03.04.15, jornal Massa!)**

O texto acima foi anunciado na capa do jornal com a chamada **Márcio Victor já beijou homem!**, com direito a exclamação para acentuar o tom da linguagem. Quase

dois meses depois, uma nova matéria questionando a sexualidade do cantor voltou a ser publicada, dessa vez com o título **Bafafá nas redes sociais**.

Uma foto em que o vocalista da banda Psirico, Márcio Victor, supostamente estaria em momento íntimo com um homem está circulando nas principais redes sociais e causando o maior bafafá. Juntamente com a suposta foto íntima – que alguns dizem se tratar de montagem –, circula a imagem do cantor ao lado de um conhecido designer de joias da Bahia, que vem sendo apontado como companheiro do pagodeiro. No Instagram, foi publicado – e depois retirado – um depoimento como se Márcio Victor estivesse assumindo aos fãs que é gay. Mas a assessora do Psirico, Chris Azevedo, afirmou que o perfil em questão é falso. “As imagens não são de Márcio Victor e ele não vai comentar o fato”, completou a assessora (Rafael Teles, Bafafá nas redes sociais, 05.06.15, jornal Massa!)

A partir de uma perspectiva foucaultiana de pensamento, Butler (2014, p. 38) revela a existência de uma verdade em relação ao sexo que prevê a heterossexualização do desejo. Essa noção criará, de um lado, os gêneros inteligíveis e os não inteligíveis (passíveis de questionamento e abjeção). O cantor Márcio Victor, desse modo, passa a ser visto pela mídia como um exemplo não inteligível, haja vista sua prática sexual que fere a única lógica passível de inteligibilidade, a heterossexual.

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2014, p. 38)

É também na cobertura de celebridades que o Jornalismo deixa clara a intenção de tornar a sexualidade como o campo reservado à confissão. É nítido como a notoriedade de um sujeito se torna justificativa para expor sua sexualidade, como pode ser lido na matéria **Lais Souza sai do armário: ‘Sou gay’**.

A ex-ginasta Lais Souza, que ficou tetraplégica, resolveu enfrentar o preconceito. Em entrevista à revista “TPM”, ela assumiu a homossexualidade. “Eu tenho uma namorada, sou gay há alguns anos. Já tive uns namorados, mas hoje estou gay”, afirmou. Com a declaração, Lais Souza entra para um seleto grupo de atletas que assumiu a homossexualidade. No Brasil, os casos mais conhecidos são do casal de jogadoras de vôlei de praia, Larissa França (medalha de bronze em Londres – 2012) e Lili Maestrini, e o de Michael, do time de vôlei Campinas. (Folhapress, Lais Souza sai do armário: ‘Sou gay’, 11.02.15, jornal Massa!)

A repercussão é tamanha que, menos de um mês depois, o jornal volta a publicar uma nota afirmando que a atleta está saturada com a visibilidade dada ao fato de ela ter assumido sua homossexualidade.

**Lais Souza, 26 anos, a ex-ginasta que desde 27 de janeiro do ano passado emociona o mundo do esporte com sua luta para voltar a andar (ela sofreu grave acidente de esqui), disse em entrevista à revista “Glamour” que é “só a Lais Souza” e não tolera mais ser rotulada. “As pessoas acham que o que mais mudou na minha vida foi o sexo”, afirmou Lais, chateada com a repercussão de entrevista anterior, dada à revista “TPM”, em que se declara gay. E continuou. “Gente, nem de longe essa é a questão! Sou bissexual, e todo mundo sempre soube disso em casa. Mas as pessoas, em geral, só souberam agora, porque acabei deixando escapar numa entrevista. Nunca achei importante falar publicamente disso”, disse. (Lais pega ar e não quer mais ser rotulada, 26.03.15, jornal Massa!)**

Esse caráter confessional assumido pelo Jornalismo em relação ao sexo pode ser problematizado em sintonia com os escritos de Michel Foucault (1988). O filósofo francês assegura que a lógica confessional, algo que remonta a Idade Média e sua sociedade fincada no poderio do cristianismo católico, é uma prática continuada e transplantada à sociabilidade dos indivíduos em esferas além da religiosa. A partir do século XVII, a lógica confessional conseguiu se manter firme em relação aos assuntos ligados à sexualidade, mesmo quando a sociedade saía da era medieval.

O autor pontua a necessidade de o “interesse público” ser pautado pela “curiosidade” em relação ao sexo, além de existirem “mecanismos de poder” que passam a operar na lógica de observação e normatização da sexualidade. No século XVIII essa dinâmica é ampliada, o sexo se torna questão de polícia, vigilância mais acintosa e ferrenha. Surge a “necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição”. (FOUCAULT, 1988, p. 31)

Entretanto, as estruturas de poder, e dentro delas está o Jornalismo, percebem como a sexualidade e sua vigilância faz vibrar as bases da sociedade ocidental/cristã. Por isso, nos séculos XIX e XX a sexualidade se tornou algo cada vez mais publicizado. Uma gama de discursos passa a ser produzida para normatizar as identidades e práticas ligadas à sexualidade e ao gênero. Foucault (1988, p.33) alerta que entre “o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram”.

O Jornalismo de celebridades revela ainda como o caráter confessional do sexo ganhou amplitude com o processo de espetacularização da mídia. Nas páginas dos jornais, é motivo de noticiabilidade o fato de personagens não heterossexuais estarem no elenco das produções como filmes e novelas. O Jornalismo reforça que o personagem noticiado não é apenas um sujeito na trama, mas sim, um sujeito dissidente da norma heterossexual, como pode ser conferido nos exemplo abaixo. O primeiro é intitulado **Deborah Secco interpretará lésbica em folhetim global**.

Os personagens homossexuais estão mesmo bombando nas novelas. Depois de Mateus Solano, Paulo Betti, e Marcos Pigossi, agora é a vez de Deborah Secco interpretar uma lésbica no novo folhetim global, “Verdades Secretas”, título provisório da novela das 23h da Globo. A informação foi dada pelo próprio autor Walcyr Carrasco. “Vai fazer algo totalmente diferente do que já fez!”, revelou nas redes sociais. Atualmente, Deborah está no ar na novela “Boogie Oogie”, em que interpreta a aeromoça Inês. “Verdades Secretas” tem previsão de estreia para junho de 2015. (Deborah Secco interpretará lésbica em folhetim global, 04.10.14, jornal Massa!)

Como pode ser conferido no conteúdo, é a sexualidade que justifica a existência do personagem na novela. Logo, é na sexualidade também que está a justificativa para o personagem se tornar notícia. Um segundo exemplo é a nota **Paolla Oliveira será estudante lésbica**.

Depois de viver a heroína Paloma em “Amor à Vida”, Paolla Oliveira será Denise, uma estudante lésbica, na minissérie “Felizes para sempre?”, que estreia no dia 26 de janeiro. Na trama, Denise leva uma vida secreta, escondida da namorada, Daniela (Martha Nowill). A atriz precisou encarar várias cenas de nudez para viver a personagem. Vamos esperar para vê-la na telinha! (Paolla Oliveira será estudante lésbica, 24.12.14, jornal Massa!)

Como afirma Leandro Colling (2007), a criação de narrativas televisivas com personagens gays e lésbicas, “especialmente quando não apresentados de forma caricata e estereotipada, quando não ligada à criminalidade”, serve como ferramenta de maior visibilidade e aceitação da orientação sexual homossexual. Entretanto, a partir de um estudo feito em relação ao modo como os personagens são construídos nas novelas entre 1974 e 2008, o pesquisador identifica uma série de padrões heteronormativos aplicados à representação LGBT nas personagens.

Como o foco deste trabalho não são os personagens, e sim, o Jornalismo, pode-se afirmar que o discurso construído pelos periódicos colabora para que a homossexualidade e as dissidências de gênero sejam demarcadas fora do ambiente da

suposta normalidade heterossexualidade. Deborah Secco não vai interpretar qualquer mulher, será uma mulher lésbica. Já Paolla Oliveira não será qualquer estudante, será uma estudante lésbica. Nesse sentido, é pertinente concordar com Colling (2010) de que “a representação produzida por uma telenovela não é simplesmente uma reprodução da realidade, mas também uma ação que deseja e provoca reações pelo fato de ter sido realizada de determinada maneira”.

Ao apresentar personagens dissidentes e que borram as estruturas normativas, o Jornalismo, de algum modo, utiliza seu lugar privilegiado para apresentar outros modos de viver além das práticas sociais naturalizadas. É a bissexualidade da personagem, o beijo gay, o casamento homossexual, dentre outros. O problema é a falta de contexto social que seja suficiente para fissurar as lógicas da heterossexualidade compulsória e da heteronormatividade.

É válida a reflexão de como as celebridades – e subcelebridades – são o retrato das relações identitárias no mundo pós-moderno. Seja no transespetáculo da mídia, no LGBT enquanto personagem na ficção ou na confissão da sexualidade, existe o fato de o Jornalismo abordar a temática de modo continuado. Em contrapartida, a potencialidade reflexiva do Jornalismo está abaixo do necessário.

O Jornalismo brinca com as identidades dentro da sua necessidade de ser visto e consumido. Ele é tão flexível às demandas de mercado como as identidades são maleáveis no mundo contemporâneo. Nossas identidades são forjadas dentro de regimes discursivos implantados nas estruturas de poder que produzem subjetividades do sujeito. E o Jornalismo é uma dessas subjetividades.

No Jornalismo estão retratadas as normatizações heterossexistas, o papel hegemônico das masculinidades, os discursos homofóbicos e as identidades dissidentes enquanto espetáculo. Seja com muita ou pouca capacidade de refletir a respeito dessas questões, é no Jornalismo que buscamos encontrar, um dia, o potencial de visibilidade que valorize o papel da subversão e da dissidência em sua essência, e não como produto a ser vendido e espetacularizado.



## **Referências**

BENTO, Berenice. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 2008.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 7ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CHAUÍ, Marilena. Simulacro e poder: uma análise da mídia. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

COLLING, Leandro. A heteronormatividade e a abjeção: os corpos de personagens não-heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo (1988 a 2008). Disponível em <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24611.pdf>. Acesso em: 19 de janeiro de 2016.

\_\_\_\_\_. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. In: Gênero, Niterói, v. 8, p. 207 – 221, 2007.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Resumo dos cursos do Collège de France (1970 – 1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Comunicação & identidade: quem você pensa que é?. São Paulo: Paulus, Coleção Comunicação, 2010.

MILLS, C. Wright. A elite do poder. 4a ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981

SALIH, Sara. Judith Butler e a Teoria Queer. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. 1ª ed, 2ª reimp. Belo Horizonte: Autênci Editora, 2015.